

# Algumas palavras para Jim Ferguson: de Liisa, Roberto, George, Jess, Bóris e Márcio

A few words for Jim Ferguson: from Liisa, Roberto, George, Jess, Bóris and Márcio

## RESUMO

Aqui, trazemos algumas palavras para homenagear o antropólogo James Ferguson, falecido no último 12 de fevereiro de 2025, aos 65 anos de idade. Ferguson era professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Stanford, na Califórnia, Estados Unidos. Recebeu formação em Antropologia Cultural pela University of California, Santa Barbara (1979) e em Antropologia Social pela Harvard University (1981/M.A. e 1985/PhD). Teve uma carreira profissional amplamente reconhecida na Antropologia, em especial a partir dos seus estudos e etnografias sobre economia política, antropologia do desenvolvimento e programas internacionais de assistência social. A visão crítica de Ferguson sobre esses temas, sustentada no trabalho de campo em países da África Austral, se estendeu também para trabalhos sobre teoria e metodologia antropológicas. Durante seus estudos de pós-graduação em Harvard, Ferguson conheceu e passou a conviver intelectual e pessoalmente com a antropóloga Liisa Malkki, desde então também sua esposa, e com seus amigos, os antropólogos George Bisharat e Roberto Kant de Lima, naquilo que denominaram “Escola Bacardi de Antropologia.” Sua partida precoce surpreendeu e consternou todos nós e, de modo muito especial e emotivo, àqueles que conviveram com ele diretamente. Reconhecendo sua trajetória profissional e intelectual e suas qualidades pessoais, a Antropolítica acolheu imediatamente a iniciativa do nosso colega e professor Roberto Kant de Lima para publicar uma série de textos em homenagem a James “Jim” Ferguson.

**Palavras-chave:** James Ferguson, Antropologia, Homenagem.

## ABSTRACT

Here are a few words to pay tribute to anthropologist James Ferguson, who died on February 12, 2025, at the age of 65. Ferguson was a professor in the Department of Anthropology at Stanford University in California, USA. He was trained in Cultural Anthropology at the University of California, Santa Barbara (1979) and in Social Anthropology at Harvard University (1981/M.A. and 1985/PhD). He has had a widely recognized professional career in anthropology, particularly due to his studies and ethnographies on political economy, development anthropology, and international social assistance programs. Ferguson’s critical view of these themes, sustained by fieldwork

in southern African countries, also extended to works on anthropological theory and methodology. During his postgraduate studies at Harvard, Ferguson met and came to live intellectually and personally with anthropologist Liisa Malkki, since then also his wife, and with his friends, anthropologists George Bisharat and Roberto Kant de Lima, in what they called the “Bacardi School of Anthropology.” His early departure surprised and dismayed all of us and, specially and emotionally, those closest to him. In recognition of his professional and intellectual career and personal qualities, Antropolítica immediately welcomed the initiative of our colleague and professor Roberto Kant de Lima to publish a series of texts in tribute to James “Jim” Ferguson.

**Keywords:** James Ferguson, Anthropology, Tribute.

## PARA JIM DE LIISA<sup>1</sup>

Meu amor,

Quando, depois de horas trabalhando em silêncio em casa, o telefone toca, meu coração salta: “Finalmente! Aí está você!” Quase tão logo, compreendo, com um mal-estar, de que não seria você. Nunca mais será você.

Éramos acostumados a estar longe um do outro para conferências e apresentações, e para trabalho de campo. Porém, independentemente disso, sempre estivemos juntos de maneira intensa. Conversávamos todos os dias. Você me disse certa vez que Roberto chamou isso de ser “muito casado”. Meu coração insiste que este é apenas mais um distanciamento familiar, que tudo o que tenho a fazer é apenas esperar por você. Eu sempre esperarei por você. Mas sua carteira e suas chaves ainda estão ao lado da cama. Seu passaporte, ainda válido, está aqui.

Seus olhos sorriem seu lindo sorriso enquanto você nos dizia que sempre estaria conosco, que estaria nos lagartos e nos pássaros, nas montanhas e no brilho do sol, e também no mar. Você está em todo lugar. Você está em seus saxofones e clarinetes; não suporto abrir as caixas deles, já bem gastas. Você está em seus *Peterson Field Guides* e seus livros sobre xadrez, *The English Opening*, *The Sicilian Taimanov*, *The Nimzo-Indian*: estes agora trazem lágrimas. Acima de tudo, você está em nossos filhos, nossa maior felicidade.

Você também está, com certeza, em todos os seus alunos e em tudo o que escreveu, e nos

---

<sup>1</sup> Tradução Wellinton Marcello Cardoso dos Santos. Revisão Técnica Roberto Kant de Lima.

projetos e instituições em que trabalhou para nutrí-los. Um dia, talvez, eu possa escrever sobre nossas vidas como companheiros de trabalho (e colegas de estudo) apaixonados um pelo outro e por nosso trabalho – e pela vida. Tivemos uma sorte indizível.

Esperarei por você.

Liisa Malkki<sup>2</sup>



Jim em nossa casa de verão na Finlândia em 2003

---

<sup>2</sup> Professora associada de antropologia na Universidade de Stanford. E-mail: [lhmallkki@stanford.edu](mailto:lhmallkki@stanford.edu)

## PARA JIM FERGUSON, MEU ETERNO AMIGO E COLEGA

Esta nota, escrita em ocasião tão dolorosa, não pretende explicitar e reconhecer o vigor, a inteligência e a simplicidade do acadêmico Jim Ferguson. Todas essas suas virtudes são largamente conhecidas e despontam da sua fala na entrevista que fez conosco anos atrás, quando de uma de suas vidas ao Brasil.

Assim, escrevo para lembrar dos momentos em que construímos, conservamos e solidificamos nossa amizade, momentos que desde seu início intercalavam as tensões permanentemente presentes em nossa vida de *graduate students* e de profissionais. Conheci James (Jim) Ferguson em 1979, quando iniciei meus dois anos de residência, exigidos para o doutorado. Eu fazia parte de uma sucessão de brasileiros que foram orientados por David Maybury-Lewis no Departamento de Antropologia de Harvard e tinha uma bolsa da CAPES, através de um programa para “universidades periféricas”, como a UFF se classificava na época, o Programa de Incentivo à Capacitação Docente (PICD). A inflação comia solta no Brasil e a bolsa consistia em um complemento salarial do salário de “Auxiliar de Ensino” 40 hs, minha categoria na época. Então, em janeiro eu recebia um valor de salário e em dezembro 1/3 ou até 1/4 desse valor, quando convertido em dólar. O complemento da CAPES era fixo, de US \$440.00. Não era fácil.

Compartilhei com Jim e George um office no edifício do William James Hall, que o Depto. de Antropologia repartia com a Sociologia e a Psicologia. Convivemos inicialmente à moda individualista e igualitária, com as distâncias devidas sendo observadas, assim como as conveniências de cada um. Exemplo desses tempos bicudos foi o episódio que narrei na “Antropologia da Academia: quando os índios somos nós”, quando George me apresentou a seu irmão como seu melhor amigo na universidade. Quando me surpreendi e retruquei que havíamos conversado durante aquele primeiro ano só três vezes, ele me replicou que eu tinha sido o único com quem ele tinha conversado...

Mas aos poucos essa tensão absurda do primeiro ano se aplacou, e fomos nos adaptando ao ritmo intenso da pós-graduação da Universidade, passando a conviver nos poucos momentos de lazer que desfrutávamos. Esta experiência foi muito importante para mim, pois foi apenas ali que descobri que minha capacidade de aprender e de me expressar através de textos e de apresentações nas ciências sociais tinha limites... Muito importante aprendizado.

Foi por esta época que nossas relações se estreitaram e, eventualmente produziram a Bacardi School of Anthropology, a que George se refere em sua nota aqui também publicada,

uma versão americanizada da Escola Sociológica Francesa e da Escola Antropológica de Niterói, à qual mais tarde se agregou Liisa. Eu era o mais velho do grupo e o que, na época, tinha mais familiaridade com a teoria antropológica e das Ciências Sociais na França, tendo já realizado um curso de mestrado de quatro anos no PPGAS/MN/UFRJ, que implicou trabalho de campo e a elaboração de uma dissertação de mestrado. Por isso tinha familiaridade com parte da bibliografia dos cursos e podia eventualmente esclarecer algumas questões com mais detalhes, especialmente no que tocava à escola Sociológica Francesa e aos, naquela época, ainda recentes trabalhos de Foucault, Dumont e Godelier. Quanto aos cursos, Mike Fisher nos apresentou à Antropologia Interpretativa, que eu desconhecia e que fornecia naquela época, à Antropologia positivista praticada nos EUA, um respiro metodológico que iria se difundir com vigor no futuro. Chegamos a conseguir, também, que um dos cursos de teoria antropológica com Nur Yalman incluísse Freud no seu programa. Nossas conversas também versavam sobre os contrastes que eu percebia entre a minha socialização acadêmica à brasileira e a deles. De certa forma, éramos muito diferentes, mas nos unia certa insatisfação com o mundo tal como era, que acabou por definir-se claramente em nossas escolhas acadêmicas.

Quando retornei, em 1984, para redigir a tese de doutorado e um *specials paper*, as circunstâncias me obrigaram a deixar meu (parco) salário integralmente aqui no Brasil, para sustento de minha mulher e meus dois filhos, e tive que ir só com a complementação de US\$ 440.00. Meu orientador, David Maybury-Lewis, ofereceu-se para me receber em sua casa gratuitamente, para ajudar na conclusão do doutorado.

O período de estudos no exterior apresentou muitas dificuldades, desde a familiaridade com o estilo de escrita do inglês acadêmico até a necessidade constante de adaptação tecnológica, naquela época já apresentando acentuado desenvolvimento. Se na primeira etapa o desafio tinha sido aprender a escrever à máquina meus *papers* para os cursos, quando voltei tive enorme surpresa ao procurar na biblioteca uma máquina de escrever para fazer um documento atendendo a uma exigência burocrática do Departamento e encontrar em seu lugar algo nunca visto: um desktop. Fiquei completamente arrasado, pensando nos obstáculos que teria que transpor. Fui socorrido por Jim, a quem narrei meu desespero. Na semana seguinte ele me deu uma aula particular sobre como usar o computador e daí em diante eu fui adquirindo as habilidades necessárias ao desempenho de minhas tarefas acadêmicas. Em outra oportunidade, ele e seu irmão passaram uma tarde ajustando um laptop que eu havia comprado para escrever os caracteres da língua portuguesa, inexistentes ainda nos laptops da época...

Posteriormente, como eu demorasse a escrever a tese e o *special paper* que encerrariam meu doutorado e necessitando receber um hóspede, seu parente, em sua casa, Maybury-Lewis



pediu que eu me retirasse. Nessa ocasião, quem me salvou foi George, que me apresentou ao senhorio do seu apartamento, um português chamado Manoel, que havia morado no Brasil e que possuía inúmeras propriedades em Cambridge, inclusive o prédio de três andares onde George morava, cujos apartamentos estavam submetidos ao sistema de *rent control* de Cambridge e que eu pude ocupar pelo período restante.

George também me levou para fazer um *cross country*, viagem de carro de Sacramento, na Califórnia até Cambridge, Massachusetts, com uma breve passagem por Québec. Foram 15 dias de deslumbramento com as paisagens visitadas, inclusive com a travessia das Montanhas Rochosas, que nunca mais saíram da minha lembrança.

Terminada minha tese com a inestimável e indispensável colaboração de Chuck Lindholm em 1986, voltei ao Brasil, onde, diferentemente deles, eu já tinha um emprego. Depois desta ocasião, voltei em 1990 aos EUA para fazer uma pesquisa em Birmingham, Alabama e em San Francisco, California, com uma bolsa da Fulbright. Em San Francisco fiz a pesquisa com a Defensoria Pública, onde George trabalhava na época, e que me proporcionou amplo acesso ao campo, valendo-me, inclusive, de minha condição de membro da OAB/RJ. Jim arranhou hospedagem gratuita para mim nos arredores de San Francisco, onde fiquei na casa de duas de suas amigas, uma delas no agradabilíssimo campus da Universidade de Berkeley. Visitei Jim na U. C. Irvine, onde ele e Liisa trabalhavam na época, e me lembro dos divertidos momentos que passamos juntos. Liisa, na ocasião, me presenteou com objetos artesanais que ela havia produzido e que mantenho até hoje na sala de meu apartamento em Niterói.

Anos depois, quando fui ministrar um curso no Canadá e levei meus filhos comigo, voltei a visitar os amigos, já agora em Palo Alto e em San Francisco, respectivamente. Jim esteve no Brasil, ocasião em que deu esta entrevista ora republicada e fez uma palestra concorridíssima na ANPOCS., sobre essa distribuição de recursos dos governos para quem não tem trabalho, a que se refere na entrevista. Foi uma palestra muito oportuna, que teve muita repercussão, porque coincidiu exatamente com a implantação do programa bolsa família, que era indigitado por seus críticos como uma política meramente assistencialista produtora de eterna dependência econômica a seus beneficiários. Tese que se mostrou equivocada, diga-se de passagem. E ele demonstrou que não era essa a natureza da distribuição de recursos. Também repeti a visita em 2011/12, quando fiz um pós doc sênior com George, no hoje denominado University of California College of Law.

Nós três seguimos caminhos diferenciados em nossas carreiras. Jim era um scholar, destacando-se na academia e na Antropologia dos Estados Unidos e da África do Sul, onde lecionou e pesquisou; George, que inacreditavelmente graduou-se em Direito ao mesmo tempo

em que cursava o doutorado em Antropologia, dedicou-se ao ensino do Direito e à defesa da Palestina; e eu procurei implantar uma perspectiva empírica e etnográfica nos estudos jurídicos e de segurança pública no Brasil, além de dedicar-me a tarefas de criação de instituições universitárias.

Por preferências, impostas por meus colegas de trabalho no curso da consolidação de nossa pós-graduação, tive que criar laços na França, no Canadá e na Argentina, onde Isaac Joseph, Daniel dos Santos e Sofia Tiscornia se tornaram leais amigos e parceiros institucionais. Por isso, pouco voltei aos Estados Unidos, e aos meus laços acadêmicos iniciais, cuja continuidade teria sido sempre minha preferência.

Assim mesmo, Jim recebeu em Stanford dois orientandos meus do doutorado de Antropologia da UFF, Márcio Filgueiras e Bóris Maia; e George recebeu os também orientandos Ricardo Gueiros, Frederico Policarpo, Flavia Medeiros e Michel Lobo. Eu recebi aqui na UFF uma doutoranda dele em Stanford, Jess Auerbach, com uma bolsa “sanduíche reverso” da FAPERJ, uma estudante sul-africana que veio estudar os angolanos no Brasil. De certa forma, nossas relações acadêmicas, mais recentemente, não se transferindo a nossos colegas, se transferiram a nossos alunos.

Durante todos esses momentos estivemos sempre distantes – embora George tenha há alguns anos adquirido o excelente e generoso hábito de fazer visitas acadêmicas ao Brasil participando dos seminários internacionais do INCT-InEAC e também de outras reuniões de Antropólogos, ocasiões em que, além de reflexões originais sobre o campo jurídico dos EUA, nos brinda também com suas extraordinárias apresentações profissionais de blues – mas de alguma maneira ligados por esses laços profundos adquiridos em nosso convívio desde nossa alma mater. Ali estivemos unidos por nossos interesses afetivos, pela intensa disciplina acadêmica e, pelo menos no meu caso, pelo sempre penoso afastamento do convívio de nossas famílias e amigos no Brasil.

Aprendi muito com meus amigos dos Estados Unidos, não por acaso eu acho, ambos californianos. Aprendi principalmente uma espécie de amor fraternal, solidário, próprio de uma sociedade individualista em que as relações são individualizadas, em que cada um tem seu próprio network, intransferível, muito diferente de nossas malhas de relações em constante expansão. Isso quer dizer que cada dupla diádica formada por nós tinha uma relação própria, mas que estava encompassada, como diz Dumont, por essa relação de fraternidade a três, depois quatro, cunhada no contexto de um convívio universitário de alta performance. Isto se apresentou para mim como algo firme e duradouro, pois embora saiba que somos pessoas muito diferentes, nossa fraternidade para mim sempre foi indivisível. Ademais, nestes contextos em

que foram criadas, são essas relações que formatam os profissionais, e sustentam as pessoas, não importando quão longe elas estejam. Você sempre tem um amigo em quem confiar.

Como eu, diferentemente da maioria de meus colegas brasileiros, sempre morei em muitos lugares no Brasil e frequentei diversas escolas e universidades, fiz também alguns poucos amigos assim. Mas nunca com tanta intimidade, solidariedade, resiliência e permanência de objetivos e propósitos pessoais e profissionais como as relações que construímos em Harvard e que nos acompanharam a vida toda.

Sinto e continuarei sentindo muitas saudades de meu amigo Jim. Mas estou certo de que ele se vai em paz, certo de ter cumprido suas tarefas com amor, dedicação e respeito ao próximo. Ficará sempre em minhas lembranças como um exemplo desse nosso processo de crescimento e amadurecimento afetivo e intelectual que, como dizia Gil Vicente, nos faz “porfiar, porquanto é bom porfiar”.

Um grande e amoroso abraço à Liisa e seus filhos Aila e Elias. Beijos mil e muita força! Como se diz por aqui, “tamo junto companheira!!!!”.

Roberto Kant de Lima<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Professor na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Veiga de Almeida. E-mail: rkantbr@gmail.com



## PARA JIM DE GEORGE<sup>4</sup>

Escrevo estas palavras para relembrar e honrar a vida do meu querido amigo, James G. Ferguson – um brilhante Antropólogo, um firme defensor da justiça e, acima de tudo, um ser humano gentil e humilde. Ele sempre foi “Jim” para mim, e talvez também para muitos que lerão esta mensagem.

Conheci Jim no outono de 1979, quando entramos juntos no Programa de Doutorado em Antropologia de Harvard. Eu havia pulado algumas séries quando era mais jovem e tinha terminado meu bacharelado aos 20 anos. Estava acostumado a ser o mais novo e, pelo menos na minha mente, o mais inteligente em qualquer sala de aula em que entrasse. Essa autoilusão chegou a um fim abrupto quando conheci Jim, cinco anos mais novo que eu, e imediatamente o reconheci como um dos indivíduos mais inteligentes que já conheci. Havia um novo xerife na cidade!

Mas eu logo aprenderia, um xerife muito genial, gentil e, francamente, hilário, se é que era um xerife. Passamos momentos gloriosos juntos, tanto dentro quanto fora dos cursos que compartilhamos. Não demorou muito para que Roberto Kant de Lima se juntasse a nós, que, ao que me recordo, atrasou alguns meses até ingressar no programa.

Logo, nós três estávamos compartilhando jantares que refletiam, tanto quanto nossas habilidades culinárias rudimentares permitiam, as tradições das regiões de nossas origens e interesses. Quando Roberto nos recebeu para uma feijoada, eu levei uma garrafa de rum Bacardi, na minha ignorância pensando que este seria o acompanhamento culturalmente apropriado para a refeição (eu ainda tinha que aprender sobre a cachaça). Nem é necessário dizer que isso levou a uma noite de elevada discussão intelectual e gargalhadas, terminando na convicção certa de que no futuro seríamos conhecidos como “A Escola Bacardi de Antropologia”. Apesar da minha atribuição cultural equivocada, o rum Bacardi se tornou nossa bebida preferida em muitos encontros subsequentes. E cada um de nós reconhecia a influência da Escola Bacardi em nossos primeiros livros após o término de nossos estudos.

Um pouco mais tarde, fomos acompanhados no programa por Liisa Malkki, que era uma combinação maravilhosa para Jim, intelectualmente e emocionalmente. Jim estava claramente apaixonado, e de certa forma, era difícil para o resto de nós não estarmos apaixonados pelo relacionamento e pelos dois. Duas mentes incrivelmente poderosas se uniram para uma vida de

---

<sup>4</sup> Tradução do inglês por Wellington Marcello Cardoso dos Santos. Revisão Técnica de Roberto Kant de Lima.

amor, filhos maravilhosos e aventura intelectual. Que inspiração!

Éramos todos diferentes. Concordávamos em muitas coisas e discordávamos em outras. Jim nunca foi um sujeito fácil de lidar, nem apenas uma pessoa agradável. Gentil, sim. Intelectualmente hábil, sim. Bem-humorado, sem dúvida. Brilhante, sem dúvida. Mas o que eu amava nele acima de tudo era sua espinha dorsal moral.

Jim era um pensador que acreditava que as ideias deveriam servir às pessoas. Ele dedicou sua vida a entender e expor as estruturas de poder que moldam nosso mundo – especialmente aquelas que marginalizam, excluem e oprimem. Seu trabalho não era apenas intelectualmente rigoroso, mas profundamente ético, sempre motivado por uma paixão por um mundo mais justo e humano. Ele construiu uma carreira brilhante sem construir carreira alguma.

Jim carregava seu imenso intelecto com humildade. Nunca o vi buscar os holofotes nem falar para impressionar. Seus objetivos eram entender, engajar, desafiar com a esperança de construir algo melhor. Ele ouvia mais do que falava e, quando falava, suas palavras importavam. Elas carregavam o peso do pensamento cuidadoso, da profunda compaixão e de um compromisso inabalável com a verdade. Suas contribuições para a Antropologia remodelaram a forma como entendemos o desenvolvimento, a globalização e a desigualdade.

Mas Jim nunca viu seu trabalho como meramente acadêmico. Ele sempre foi profundamente consciente de que vidas de pessoas reais estavam em jogo, e que ideias as impactavam de maneiras às vezes indiretas, mas muito tangíveis. Sua bolsa de estudos era uma forma de ativismo – silencioso, mas poderoso, preciso, mas nunca separado. Ele nunca perdeu de vista a humanidade nas comunidades que estudou, nem as responsabilidades que vêm com o conhecimento.

Para além de suas contribuições intelectuais, Jim era um amigo que fazia você se sentir mais inteligente só de conversar com ele – não porque ele exibia seu conhecimento, mas porque ele tinha um jeito de fazer você pensar de maneira mais clara, de maneira mais crítica e de maneira mais expansiva.

Ele também tinha uma perspicácia seca que podia desarmar uma conversa tensa e uma profunda fonte de paciência para aqueles que ainda estavam encontrando seu caminho para a compreensão. Ele acreditava na capacidade das pessoas de crescer, mudar, aprender. E essa crença não era ingênua – foi duramente conquistada, fundamentada em décadas de observação, tanto dos fracassos, quanto das possibilidades das sociedades humanas.

Jim deixa para trás um corpo de trabalho que continuará a moldar conversas em Antropologia por gerações. Mas, mais importante, ele deixa para trás um legado de integridade, humildade e compromisso inabalável com a justiça.

Perdê-lo é devastador, mas tê-lo conhecido é um presente imensurável. Ainda me choca que eu tenha que escrever estas palavras. Mas enquanto lamento sua ida, também celebro a vida que ele viveu, as mentes que ele moldou, a justiça que ele buscou e a gentileza que ele compartilhou.

Jim, obrigado – por sua sabedoria, sua amizade e sua crença em um mundo melhor. Levaremos adiante seu trabalho, suas perguntas e seu espírito. Você faz muita falta, mas nunca será esquecido.

George Bisharat<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Professor de direito na UC Law San Francisco. E-mail: bisharat@uclawsf.edu

## PERSPECTIVA ENTRE AS PESSOAS: UM OBITUÁRIO PARA O PROFESSOR JAMES (JIM) FERGUSON

Antropólogos gostam de contar histórias, e Jim não foi uma exceção. Nem eu sou, então, deixe-me contar três pequenas lembranças que exemplificarão, ao invés de relatar, algo sobre como Jim viveu e trabalhou.

Na primeira, sou uma aluna ansiosa prestes a terminar minha graduação na Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul, onde agora leciono. Fui convidada a apresentar minha pesquisa laureada em uma conferência local onde o palestrante principal era o lendário James Ferguson. Sua escrita tinha sido uma grande parte do motivo pelo qual me formei em Antropologia, e ouvi sua palestra com fascinação absorta. Mais tarde naquele dia, subi ao pódio pela primeira vez e compartilhei meu próprio trabalho – hesitante e nervosa no início, mas encontrando minha voz à medida que avançava. Enquanto relaxava, descobri que era capaz de fazer uma piada, e houve uma risada rápida no fundo da sala.

Dei uma olhada e minhas pernas ficaram trêmulas – o famoso antropólogo em pessoa tinha vindo ouvir o que eu e outros alunos estávamos apresentando! E ele riu da minha piada! Lembro-me do meu próprio espanto e da sua graça, e depois que ele veio falar comigo. Durante o almoço, ele se deu ao trabalho de perguntar sobre meus planos de pós-graduação e disse que talvez eu devesse considerar um doutorado em Stanford. Essa foi uma das ofertas mais generosas que alguém poderia ter feito, mas em vez de pular nela, fui para casa e escrevi a ele o tipo de e-mail impulsivo que só é concebível aos 22 anos, explicando porque “obrigado, mas não, obrigado”, eu nunca estudaria sob as condições do imperialismo intelectual americano.

Uma das minhas lições mais profundas sobre como ensinar foi a resposta de Jim: longe de descartá-la e seguir em frente com sua vida maravilhosa, ele me apresentou a vários de seus alunos por e-mail e nos permitiu ter uma conversa sobre o que aprender no século XXI significaria e poderia significar. Rapidamente percebi quão impetuosa eu tinha sido, e quando cheguei para começar meu doutorado sob sua orientação, meus ouvidos estavam muito mais preparados para ouvir e aprender.

A segunda lembrança é um pouco menos banhada pelo sol. O sistema dos EUA exige que os alunos façam exames antes de coletar dados para doutorados em ciências sociais. Esses exames acontecem ao longo de semanas e incluem componentes escritos e orais rigorosos que avaliam o conhecimento de literatura acadêmica relevante, contexto social, idioma e história. Escrevi meus ensaios e os defendi em um exame oral de três horas, durante o qual Jim me

questionou sobre Marx. Eu tinha comprado todos os três volumes de *Das Kapital*, mas desisti e li os resumos digitais do Volume 2. Jim percebeu rapidamente que eu não tinha ideia do que estava falando em resposta a uma pergunta direta sobre capital produtivo. O comitê me permitiu passar no exame confortavelmente, mas fui obrigada a enviar uma revisão de uma página do Capítulo Dois daquele volume para a satisfação de Jim. Não havia atalhos para trabalhar com Jim Ferguson e sua expectativa absoluta era de rigor e excelência.

Na terceira lembrança, estou no campo, coletando dados no Rio de Janeiro. Eu estava trabalhando com o consulado angolano – na época, notoriamente difícil de obter acesso. Uma das funcionárias consulares leu o trabalho de Jim quando era estudante de graduação, e quando mostrei a ela uma carta dele explicando meu projeto, ela disse: “Eu conheço esse homem, ele é uma pessoa séria” e abriu a porta figurativa. Enviei um e-mail para Jim naquela noite dizendo, efetivamente, “obrigado por ser tão famoso”. A resposta de Jim ficou comigo desde então: ele estava feliz que eu tenha obtido acesso, mas ressaltou que ser um antropólogo famoso era como ser um “anão alto” e não algo a ser levado particularmente a sério.

Os detalhes biográficos da carreira de Jim e sua profunda contribuição para as ciências sociais serão e foram escritos em outro lugar, e não há necessidade de eu repassá-los novamente. O que espero que essas histórias permitam uma visão é a textura de uma vida que teve como base relacionamentos de cuidado e amor: primeiro com Liisa, Aila e Elias, depois com os outros membros da Escola Bacardi de Antropologia e outros colegas, e profundamente também com alunos, com interlocutores e com os vários públicos amplos com os quais Jim se envolveu em seu trabalho e ensino.

A vida de Jim foi moldada por profunda humildade e profunda curiosidade – posições que a instituição acadêmica contemporânea é projetada para achatar quanto mais sênior alguém se torna. Jim nunca as perdeu, no entanto, seja falando com um estudante de graduação impulsivo, uma pessoa desempregada com pouca probabilidade de encontrar um emprego na África do Sul ou na Califórnia, ou alguém, em suas palavras, “genuinamente famoso” (como em “meus filhos saberiam quem são”).

Apesar de ser uma pessoa profundamente comprometida politicamente (ou talvez por causa da autenticidade desses compromissos), Jim fez o melhor que pôde para evitar as intrigas de Stanford e do Vale do Silício. Ele reconhecia sistemas – e antissistemas – intimamente e se sentia confortável para nomear o que via e apontar as estruturas projetadas para garantir a continuidade de ordens mundiais desiguais. Por isso, ele era amplamente respeitado. Seu último longo ensaio, “Presence and Social Obligation: an Essay on the Share” é, na minha opinião, uma das leituras mais corajosas da África Austral contemporânea. Vamos desistir da

ilusão de fingir que podemos criar empregos para todos, ele diz, e pensar sobre como, em um mundo pós-trabalho, sustentarmos uns aos outros. Agora, utilizo esse ensaio para o ensino em uma escola de negócios (Business School) e o considero (como seus outros textos) um portal crítico para abrir conversas reais e fundamentadas sobre o que está realmente acontecendo – não o que nos dizem para pensar que deveria estar acontecendo. Nunca consegui discutir o que a Inteligência Artificial abriu para todos nós, mas sempre que reflito sobre isso, mais uma vez, em *Presence and Social Obligation*, Jim estava muito à frente com insights que podem moldar como respondemos a um mundo no qual o trabalho pode não mais nos definir.

Os cursos que ele lecionou em Stanford moldaram várias gerações de alunos de doutorado em Antropologia Econômica. Além disso, eles tiveram um impacto descomunal em alunos de outras áreas que se inscreveram para sua lendária Antropologia 1 para mudar, não como pensavam sobre outros lugares, mas como pensavam sobre si mesmos. A Antropologia 1 de Jim usou quatro tópicos relevantes para os Estados Unidos contemporâneo para explorar como a humanidade era imaginada – e quais eram seus limites. Considerando imigração, casamento gay, dependência química e aborto, ele conduziu magistralmente os alunos por um processo de tornar visíveis os limites de quem seria considerado um *insider* e quem permaneceria *outsider*. Muitos dos alunos que passaram por aquela sala de aula, agora ocupam posições de influência genuína no mundo, e no atual momento global, é um alívio saber que pelo menos alguns desses líderes foram sujeitos a suas perguntas cuidadosas e discussão ponderada sobre o que nos une – ou nos mantém separados.

Jim nunca perdeu sua capacidade de ouvir, nem de rir, e eu nunca conheci um aluno que tivesse medo dele – mesmo que todos nós tenhamos aprendido rapidamente que era melhor fazermos nossa lição de casa corretamente (ou sofreríamos as consequências de reler Marx!). Isso o tornou um caso isolado no campo da Antropologia Americana, onde o status de diva é frequentemente buscado e executado com uma intensidade surpreendente. Isso permitiu que ele falasse sua verdade calmamente e fizesse suas piadas suavemente também – às vezes, parecia inteiramente para sua própria diversão – e permitiu que ele vivesse com integridade notável: sem escândalos, sem drama, apenas um enorme grupo de alunos ferozmente leais que continuam a fazer um trabalho convincente sobre os temas com os quais Jim se importava em diversos contextos em todo o mundo. Ele é querido e amplamente respeitado na África do Sul, onde a maior parte de sua pesquisa ocorreu, e suas ideias – tendo ido além da Antropologia e entrado na prática e na política – sem dúvida tornaram bem melhor o chamado trabalho de desenvolvimento.

Apesar de sua autodepreciação, Jim é um dos poucos antropólogos que pode realmente



alegar ter mudado o mundo – não apenas para seus alunos, mas para milhões de perfeitos estranhos. Nesse sentido, além de nos ensinar a todos nós, ele distribuiu muitos peixes proverbiais. Somos todos mais ricos e sustentados por eles, e aqueles de nós que o conheceram pessoalmente sentirão sua falta com uma intensidade afiada, reservada para aqueles que acumularam a riqueza que os sul-africanos há muito sabem ser o único tipo que realmente importa: a riqueza nas pessoas. Vá bem, Jim, obrigado por tudo.

Jess Auerbach Jahajeeah<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Professor da University of Cape Town. E-mail: [Jess.auerbach@uct.ac.za](mailto:Jess.auerbach@uct.ac.za)

## JAMES FERGUSON, *THE INSTRUCTOR*

A prematura partida de James Ferguson, em fevereiro de 2025, sensibilizou a comunidade antropológica em todo o mundo, inclusive a brasileira, com quem Ferguson manteve relações acadêmicas e afetivas durante sua carreira. Em nossa formação como antropólogos, especialmente aqueles interessados em Antropologia Política e do Estado, que é o meu caso, os trabalhos de Ferguson tornaram-se referências obrigatórias. É difícil não se impactar com a leitura de seu maior clássico, *The Anti-Politics Machine*, cujas questões principais permanecem atuais para se pensar a natureza do poder estatal e do discurso sobre “desenvolvimento” que emerge ao seu redor. Neste pequeno texto, dou um breve relato de uma faceta de James (ou Jim, como preferia ser chamado) menos conhecida, o James *instructor*, atuando em sala de aula, que menos gente teve a oportunidade de conhecer. Eu, felizmente, tive.

Antes de ter essa oportunidade, eu havia tido dois rápidos contatos com o Professor Ferguson. O primeiro em 2010, na Universidade Federal Fluminense, onde proferiu uma palestra; o segundo, em 2019, quando trocamos mensagens de e-mail para uma possível ida minha para a Stanford University através de uma bolsa de pós-doutorado, tendo ele como supervisor, o que acabou não acontecendo. Finalmente, em 2022, fui para Stanford como *visiting scholar*, vinculado à Graduate School of Education, e pude acompanhar como ouvinte o curso *Political Anthropology*, ministrado por Ferguson e oferecido no âmbito do programa de pós-graduação em Antropologia daquela universidade. Quando mandei o e-mail pedindo autorização para acompanhar o curso como ouvinte, ele disse: “*I’d be happy to have you join the seminar, as long as you’re prepared to do the assigned readings (basically one book-length ethnography each week).*” Fiquei bastante animado com a possibilidade de frequentar suas aulas, mas, ao mesmo tempo, percebi que seria um curso que exigiria bastante dedicação. E, de fato, foi assim.

Logo no primeiro dia de aula, James explicou o programa de curso, que era focado em *ethnographies of politics* publicadas nos cinco anos anteriores ao curso, com exceção de duas (publicadas em 2006 e 2011), onde seriam discutidos temas como soberania, cidadania, populismo, neoliberalismo, revolução, entre outros. Como já antecipado no e-mail, seria um livro monográfico (uma etnografia) por semana. Mas não era só isso. Todos os estudantes tinham outras tarefas nas aulas. Era preciso entregar, toda semana, um documento (*Reading Notes*) de duas a três páginas sobre o texto lido, discutindo os pontos e expressando uma tomada de posição em relação a eles. Além disso, todos deveríamos trazer anotadas questões sobre o texto do dia. Depois de explicar como funcionariam as aulas, no primeiro encontro, James

ressaltou que quem quisesse ficar no curso teria que se submeter àquelas regras, pois aquilo seria um compromisso que os estudantes da turma, agora uma comunidade intelectual, teriam entre si. Além de mim (ouvinte), a turma tinha mais seis estudantes. A aula, que ia das 13h às 16h20, funcionava da seguinte forma:

1) Nos primeiros 45 minutos de aula, James começava introduzindo o tema do dia e fazia algumas considerações sobre o texto. Era muito estimulante ver e ouvir James dissertando sobre o tema e os textos do dia. A primeira aula já foi particularmente impactante para mim, pois ele começou o curso falando sobre os propósitos da Antropologia Política, focando em mostrar como ela servia para pensar o mundo atual e trazendo definições sobre poder, prestígio, política, entre outros. Ele conseguia usar exemplos simples e facilmente compreensíveis para explicar conceitos complexos. Nessa aula, usou o caso de uma briga por vaga de carro na rua como ponto de partida para mostrar como é possível exercer o poder (micropoder) sem ter prestígio, força, riqueza ou status, e depois trazia outras situações em que tais elementos estavam associados ao poder.

2) No segundo momento da aula, tínhamos cerca de 45 minutos em que James pedia nossas considerações mais gerais sobre o texto, a partir das quais ele tecia novos comentários ou pedia que outro colega da turma comentasse, geralmente alguém que ainda não havia falado no dia (ou seja, não era possível ser apenas “ouvinte” na aula, era preciso se engajar nela);

3) Após um intervalo de 15 minutos, a turma, sem a presença do professor, tinha mais 15 minutos para discutir entre si as questões que cada um trouxe sobre o texto e quais delas seriam postas para a discussão com o professor na próxima etapa da aula;

4) A parte final da aula, entre 60 e 80 minutos, era dedicada à discussão das questões selecionadas nos 15 minutos anteriores pela turma, sempre tendo um colega da turma por dia na função de explicar o que havia sido discutido e indicar aos colegas a vez de enunciarem suas questões para o debate, quando todos, inclusive James, participavam.

Como professor, James manifestava um interesse genuíno nas questões e nos comentários que fazíamos durante as aulas. Ele costumava apresentar contrapontos aos nossos comentários e fazer perguntas no sentido de estimular que desenvolvêssemos as ideias que trazíamos para discussão. Um ponto importante do curso durante os debates era buscar associações entre os textos do programa. James era extremamente hábil em fazer tais conexões, aproximando e distanciando os autores que líamos, e esperava que nossos apontamentos nas aulas também tivessem esse foco.

A capacidade de James, como *instructor*, de lidar com ideias divergentes às suas foi colocada à prova logo no início do curso, na segunda aula, quando pudemos discutir a obra *Give*

*Man a Fish*, de sua autoria. Apesar de James ser amável no trato com todos os estudantes, era apenas a segunda aula, então havia uma certa tensão na turma sobre como discutir o trabalho dele. Eu havia passado praticamente duas noites em claro para terminar a leitura e redigir as *Reading Notes* do dia, e estava cheio de questionamentos sobre o texto. Apesar de ter claro que era um privilégio poder discutir o texto com o próprio autor (o renomado James Ferguson!), ainda mais sendo um antropólogo formado no Brasil, também fiquei um pouco receoso sobre como colocaria alguns pontos, sobretudo um questionamento em relação a um argumento do livro, de que estava se desenvolvendo um tipo de demanda pela partilha de determinados bens e recursos econômicos que não tinha como contrapartida nenhum sentimento de dívida social, de reciprocidade, daqueles que recebiam os bens ou recursos demandados. Ferguson denomina esse fenômeno de *politics of the right share* e diz que ele estaria se desenvolvendo num conjunto de sociedades do Sul Global (no caso do livro, África do Sul e Namíbia). É um argumento muito interessante e que está presente ao longo do livro. Mas, na ocasião, pareceu-me que o argumento estava baseado em situações etnográficas relacionadas apenas aos momentos de demanda dos atores, e que tais situações não poderiam demonstrar que, depois de terem alcançado seus objetivos, os atores não contráíssem um sentimento de dívida social com quem os concedeu os bens reivindicados. Resolvi me arriscar e colocar essa questão em debate. Logo que terminei de falar, James deu um leve sorriso e disse “nice catch”, e então perguntou à turma o que achavam da minha observação. Depois que alguns se manifestaram, James disse que talvez tivesse dado mais ênfase, nas descrições etnográficas, aos momentos de demanda, mas que havia outros dados no texto que sustentavam seu argumento de que os atores não se sentiam devedores de quem lhes havia dado acesso aos bens ou recursos econômicos que demandavam. Essa pequena situação foi muito representativa para mim sobre o modo como James estava disposto, como *instructor*, a ver os estudantes debatendo, questionando e mesmo criticando as ideias, conceitos e teorias que propunha para o curso, mesmo quando estava de acordo com elas. Como membro da turma, após esse episódio, senti-me com ampla liberdade de expressar divergências sobre pontos dos textos que discutíamos nas aulas, e senti que meus colegas de classe compartilhavam do mesmo sentimento. James conseguia criar, como *instructor*, um ambiente muito propício ao aprendizado crítico dos conteúdos propostos no curso. Embora seja o que se espera de qualquer aula de pós-graduação, sobretudo nas Ciências Sociais, não é o que sempre encontramos.

Outra característica das aulas de James era que elas reuniam seriedade e momentos pontuais de descontração, que tornavam aquela situação de aprendizado agradável. Tínhamos a impressão de estar num ambiente sério, realizando uma atividade importante, mas ficávamos à vontade. Numa das aulas, quando iniciamos os debates, pedi a palavra para falar sobre como a

autora do dia utilizava alguns de seus conceitos sempre associados à ideia de status. Eu separei cerca de dez definições dos referidos conceitos que a autora usava no texto e li durante a aula, enfatizando como, em todos eles, a ideia de status estava presente. Quando terminei de ler as citações do texto, antes de discutir meu ponto, James disse, com um ligeiro sorriso irônico, “I wish you could be my editor”, fazendo o restante da turma sorrir com ele.

Tínhamos também a oportunidade de discutir com James nossas próprias questões de pesquisa à luz dos conceitos e ideias que a literatura do curso nos apresentava. James nos estimulava a falar sobre os contextos de nossas pesquisas, buscando testar os conceitos em discussão e mostrar como os relatos etnográficos detalhados que líamos podem ter importância para além das áreas geográficas especializadas nas quais foram produzidos. Ele parecia estar mesmo atento ao que estava acontecendo nos contextos que estudávamos. Em uma das aulas, logo que chegou, ele se sentou, olhou para mim e disse: “congratulations”. Era a primeira aula depois da vitória eleitoral de Lula sobre Jair Bolsonaro. Eu só agradeci e expliquei para a turma, brevemente, o significado daquela eleição para a democracia no Brasil.

No meu último dia de aula, perguntei à turma se eles concordariam em tirar uma foto com James, porque para mim aquela experiência merecia um registro visual. Eles concordaram, mas pediram que eu pedisse a James a autorização para a foto. Ele concordou (“of course!”), fizemos a foto (ver abaixo) e me despedi dele e dos meus colegas de turma. Creio que a foto comunica bem os sentimentos que vivenciamos durante o curso: *seriedade*, posturas contidas e roupas sóbrias num ambiente de ensino formal; *companheirismo*, todos próximos, lado a lado, no mesmo plano; *satisfação*, semblantes sorridentes, expressando positividade.

Uns dias antes da primeira aula, contei animado a um colega, também *visiting scholar* em Stanford, que teria a chance de fazer um curso com James, e o quanto eu o admirava. Ele foi bem cético, mesmo sem conhecer James, dizendo que eu poderia me decepcionar com James como *instructor*, atividade que exige uma competência própria. Eu conhecia o autor James Ferguson, o Professor, não o *instructor*, disse ele. Felizmente meu colega estava errado. Então, gostaria de deixar registrado que, além de perdermos um grande autor, um renomado antropólogo, perdemos também o igualmente admirável *instructor* James Ferguson, que fazia sua classe se encantar pelo trabalho intelectual e pelas virtudes da Antropologia.



Da esquerda para a direita: Benjamin Perez, Daniel Yi, Samantha Churovich, Teathloach Nguot, Ronald Chen, James Ferguson, Shan Yang, Bóris Maia.

Bóris Maia<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: borismaias@gmail.com



## PARA JIM DE MÁRCIO

Meu contato inicial com o professor James Ferguson deu-se a partir da preparação para o período sanduíche que cumpri entre 2010 e 2011 na Universidade de Stanford, quando procurei junto ao meu orientador Kant de Lima referências para solicitar uma carta de aceite. Naquela ocasião, Jim era para mim nada menos que um dos autores que havia lido para entrar no Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFF, ainda no mestrado. Assim, àquele tipo de aura que cobre os autores que nos são apresentados como clássicos tive o privilégio de acrescentar a experiência pessoal de tê-lo como supervisor de meu período como estudante visitante no Departamento de Antropologia de Stanford.

Jim combinava com seu jeito introvertido uma hospitalidade sempre solícita e atenciosa. No autêntico espírito de pesquisador de campo, respondeu com um “talvez você precise insistir mais” aos meus relatos de dificuldade com os interlocutores da pesquisa. Além disso, sua presença quando da minha apresentação aos estudantes e professores do Departamento suscitou uma interessante perspectiva de contraste quando conseguiu apontar “vantagens” do sistema brasileiro de judicialização do interesse público que me permitiram encontrar os elementos para uma comparação rica com o modelo dos EUA.

Assim, como registrado em sua obra, seu posicionamento político claro a respeito do lugar do “outro” na construção de modelos de desenvolvimento econômico evitava qualquer tipo de “viralatismo” por parte de pesquisadores do Sul, como eu, ao mesmo tempo em que lançava uma forte crítica sobre o papel das instituições e países do Norte.

Portanto, fica aqui o reconhecimento de que a riqueza da minha experiência sanduíche beneficiou-se muito da convivência com o professor James Ferguson. E isso resultou, antes de tudo, daquilo que a Antropologia tem descrito tão bem e para o que o professor Kant de Lima sempre chamou atenção, ou seja, como o processo de produção do conhecimento dá-se, como toda vida social, através de pessoas reais, vivendo vidas reais, estabelecendo relações que se institucionalizam e viram relações não mais entre pessoas, mas entre Programas e Universidades.

Márcio de Paula Filgueiras<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. E-mail: mpfilgueiras@yahoo.com.br